



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE GÊNERO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria Louiza Tarquino (1); Laís Vasconcelos Santos (2); Maria Inês Borges Coutinho (3);
Mikael Lima Brasil (4); Alexandro dos Santos (5)

(1) Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: mljbn@hotmail.com

(2) Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: laís_lvs@hotmail.com

(3) Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: ynescoutinho@hotmail.com

(4) Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: mikael_cpc@hotmail.com

(5) Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: alexandrodossantos09@gmail.com

RESUMO

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. Compreende-se gênero como à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. Nas salas de aula, surgem espaços de discussões para as mais diversas temáticas, que devem encontrar ligação com a sociedade e meio de inserção das (os) alunas (os). Portanto, este estudo objetiva relatar e discutir a experiência de aulas na educação de jovens e adultos sob a perspectiva de gênero. Para tanto, desenvolveu-se um relato de experiência acerca da vivência de oficinas abordando a temática gênero no primeiro bimestre de 2015, junto alunos do primeiro ciclo preeja da Escola Municipal Manoel da Costa Cirne. Adotou-se como método de prática a educação popular. Como subsidio para aporte teórico escolheu-se a compreensão de gênero no contexto de educação de Louro (1996). Percebeu-se as representações atribuídas pela sociedade dos papéis do 'ser homem' e 'ser mulher' que perpetuam os diversos contextos históricos, sociais e propiciam relações desiguais de poder bem como acarretam processos discriminatórios. Concluiu-se que as escolas devem inserir em seus currículos o conceito de gênero, pois como geradora de cidadãos, deve-se possibilitar aos estudantes a compreensão dos contextos que estão inseridos, entendendo a família, a sociedade e as questões emergidas nessas relações, dentre essas as relações de gênero, resultando em sensibilização e diminuição de processos de exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, família, sociedade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social (POLONIA; DESSEN, 2005).

Para Silva; Carvalhaes (2010) a escola, além de cumprir com a função de controle do tempo e controle dos corpos, também atua sobre o próprio mecanismo de produção do conhecimento, pois têm que expor aos indivíduos um saber já estabelecido pela instituição, atuando ativamente nos processos de socialização, auxilia os indivíduos em seu processo de assimilação das normas sociais, ordenando comportamentos e unificando linguagens.

De acordo aos princípios que norteiam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), definidos no parecer 11/2000, a mesma deve ser alicerçada guiando as (os) alunas (os) para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea. Os processos de aprendizagem/conhecimento devem adequar-se aos contextos sociais dos alunos, visto que o essencial é que as pessoas aprendam fazendo. Nesta direção, os professores desta modalidade de ensino devem possibilitar o acesso a vários conhecimentos, que serão importantes para que homens e mulheres interajam no mundo de forma consciente com ideais reflexivos e transformadores (GENTIL 2005).

A heterogeneidade do público da EJA merece consideração cuidadosa, compõe-se por adolescentes, jovens e adultos, com suas múltiplas experiências de trabalho, de vida e de situação social. Nesta direção, emerge a necessidade de compreender/envolver as práticas culturais e valores já constituídos no princípio de igualdade, de modo a abrigar a aceitação das diferenças individuais e a valorização de cada pessoa, capaz de ampliar a capacidade de comunicação e expressão das pessoas (BRASIL, 2000).

Conforme Louro (1996) a sociedade é norteada por padrões ou regras estabelecidas que definem comportamentos, uso de roupas, modos de relacionar-se e se portar. Esses papéis geram o 'ser homem' e 'ser mulher', que de acordo com o sexo devem corresponder à sociedade respondendo as expectativas guiadas por padrões normativos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nas salas de aula, surgem espaços de discussões para as mais diversas temáticas, que devem encontrar ligação com a sociedade e meio de inserção das (os) alunas (os), assim proporcionando conhecimento, desmitificando mitos e até reconstruindo valores e marcas ideológicas perpetuadas nas relações que excluem e criam processos discriminatórios. Neste sentido, verifica-se que a educação de jovens e adultos são espaços pertinentes para adoção de discussões com abordagem de gênero.

Segundo Louro (1996) gênero diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sociocultural, e que segundo Mattar (2008) todos e todas merecem igual respeito da lei dos governantes e das pessoas em geral, independente do sexo biológico, da identidade que assumam ou do papel social que exerçam.

Portanto, este estudo objetiva relatar e discutir a experiência de aulas na educação de jovens e adultos ao adotar a perspectiva de gênero.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se um relato de experiência acerca da vivência de oficinas abordando a temática gênero no primeiro bimestre de 2015, junto alunos do primeiro ciclo preeja da Escola Municipal Manoel da Costa Cirne.

A adoção do trabalho com gênero foi estabelecida após iniciar a exposição da temática família, aonde surgiu à necessidade de promover um resgate da função escolar de promover novos conhecimentos, buscando refletir criticamente sobre as ações e condutas cotidianas, tendo em vista desenvolver novas formas de atuar na educação que proporcione o bem-estar da comunidade escolar.

Para tanto, realizou-se duas oficinas enfocando família-gênero e relações de gênero. Adotou-se como método de prática a educação popular. Souza (1997) afirma que a perspectiva para a educação popular é a do fortalecimento dos processos pedagógicos para



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

umentar sua contribuição na construção dos poderes locais e globais a fim de ampliar a força cultural, fundamentar o sentido mobilizador dos valores da justiça, da solidariedade e da igualdade. Assim, haverá a construção de um poder ético em meio a uma integração social sem exclusões, abrindo caminhos que gerem a conquista de liberdade e compreensão da cidadania.

Como subsidio para aporte teórico escolheu-se a compreensão de gênero no contexto de educação de Guacira Lopes Louro, que compreende tal conceito como uma construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sociocultural (LOURO, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira oficina, estando numa roda de conversa foi pedido que cada uma/um das (os) presentes desenhassem sua família, feito isso, foi sugerido descrever uma lista dos diversos trabalhos realizados pelos membros de sua família, incluindo elas (es) mesmas (os). Foi sugerido que cada um pensassem nos tipos de trabalho necessários para a manutenção da família, a partir daí construímos um quadro onde especificamos quem é que geralmente faz aquela tarefa: homens, mulheres ou ambos. Feito isso, foi questionado se aquele trabalho só poderia ser feito por um dos sexos e o porquê?,

Deparou-se nesse questionamento com representações que “serviços de casa” são coisa de mulher, trabalho de homem é fora de casa para sustento do lar. Também visualizou-se que na educação dos filhos está presente o repasse da submissão para as meninas, inferiorizando-as ao sexo masculino, que é considerado “melhor”.

De acordo com Ribeiro, Souza e Souza (2004) no processo da formação de gênero, a família exerce a primeira influência, pois ao saber, durante a gravidez, o sexo da criança os familiares criam um ambiente impregnado pelas expectativas relacionadas ao gênero. O processo de formação de gênero também é influenciado pela escola, onde estudantes



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vivenciam um ambiente que apresenta grandes atributos sociais definidores de gênero através de comportamentos, falas, gestos, condutas e posturas.

A segunda oficina foi enfocada as relações de gênero, a princípio foi dividido o quadro em três colunas, na primeira escrito a palavra “mulher”, e na terceira homem, inicialmente foi solicitado aos alunos que escrevessem na primeira coluna uma palavra que viesse em sua cabeça quando escutasse a palavra mulher. Foi repetida a mesma atividade para a coluna homem. Quando esgotou as características, cada coluna foi lida.

O próximo passo foi trocar os nomes das colunas, o nome mulher foi substituído por homem e vice-versa em relação à terceira coluna. Foi perguntado aos/às participantes se as características listadas para as mulheres também poderiam ser atribuídas aos homens e vice-versa. Na coluna do meio foi colocada características que não poderiam ser atribuídas aos dois sexos, ou seja, as ligadas à biologia. A ela atribuiu-se o título sexo. Diante do exposto foi apresentado aos/às participantes os conceitos de gênero e identidade de gênero. Esclarecendo dúvidas e questionamentos

A partir das questões respondidas observou-se que a constituição familiar, sua estrutura bem como suas regras variam de acordo com o grupo cultural a qual a família está inserida; estereótipo é uma generalização abusiva que distorce a realidade, como exemplo representar as mulheres sempre fazendo as tarefas domésticas e os homens sempre como chefes de família, incapazes de afeto ou sentimentos ou de cuidar dos filhos. Moreira (2002) e Carloto (2001) corroboram com a ideia de que as atividades masculinas são distintas das femininas, em espaços produzidos pelas esferas domésticas e públicas. Cada uma desta constitui-se num espaço pertencente a um dos gêneros, difícil de sobrepor.

O afastamento da mulher da esfera doméstica, seu lugar natural, é muitas vezes tido como uma degradação moral, consequência da exploração capitalista. É uma construção cultural que transcende os séculos, passando pelas representações transmitidas de geração em geração e que, constituída em “cultura”, define o lugar do homem e da mulher com âmbitos diferenciados e antagônicos. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vem ocorrendo nas últimas décadas, ainda perduram muitas discriminações, muitas vezes ocultas, relacionadas a gênero (SWAIN, 2001)

As discussões possibilitaram uma proposta de desconstrução de alguns paradigmas sobre o gênero, como a justificativa da desigualdade entre homens e mulheres tomando se por base as diferenças biológicas em um processo de reconhecimento da representação de identidades femininas e masculinas como construções sociais carregadas de poder. Segundo Denise Jodelet (2002) as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Saffioti (1992), em seu texto *“Rearticulando gênero e Classe social”* critica a determinação física sexual como representação do papel social que as pessoas vão desempenhar. A relação entre os gêneros vai além da existência de dois sexos, mas compreende a construção feita do social para o indivíduo, pois dependendo dos valores de cada momento histórico, os indivíduos terão seus corpos e funções determinados de formas diferentes.

Segundo Louro (1997) aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas de como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam. Sendo assim, cabe à escola contribuir para a desconstrução desses pensamentos impostas pela sociedade e que a cada dia demonstra o seu poder de manipulação, sendo contribuinte para representações sociais no sentido de adquirir novas formas de comportamentos para que sejam aceitos em determinados grupos sociais.

A escola contribui de maneira ativa na caracterização dos comportamentos atribuídos ao gênero, incentivando de várias maneiras e moldando os alunos a partir de uma perspectiva conservadora e preconceituosa no que diz respeito a sua sexualidade; nessa direção as escolas podem ser um exemplo de instituição em que se reitera constantemente, aquilo que é definido como norma central, já que norteiam seus currículos e suas práticas a partir de um padrão único: “haveria apenas um modo adequado de masculinidade e feminilidade e uma única



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desses padrões significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico” (LOURO, 1997).

Assim, cabe à escola como promotora da educação e conseqüentemente de uma visão mais clara das coisas, uma desconstrução das diferenças a partir de atitudes que possibilitem uma maior interação tanto dos gêneros como de outros grupos considerados “diferentes”, para que a partir daí as hierarquias sejam rompidas possibilitando maior abrangência de vários outros grupos étnicos, sociais, possibilitando a diminuição de processos discriminatórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência apresentada neste estudo e as discussões embasadas na literatura sobre a temática. Percebeu-se que a escola como uma instituição disseminadora de aprendizado que se empenha na produção e/ou reprodução do conhecimento deve adequar-se para inserção de conteúdos visando os meios sociais que alunos e professores estão inseridos.

Evidencia-se a necessidade de trabalhar as questões de gênero, pois tal conceito contribui nas construções de identidades, e cabe à escola incluir no currículo essa temática e sair de uma postura de invisibilidade das diferenças nas relações de poder. Bem como, possibilitar a formação de cidadãos, que compreenda os contextos que estão inseridos, entendendo a família, a sociedade e as questões emergidas nessas relações, dentre essas as relações de gênero, resultando em sensibilização e diminuição de processos de exclusão.

É sabido que em nossa sociedade a educação de homens e mulheres reforçam valores tradicionais do que é ser masculino e feminino, e cabe aos educadores através de atitudes de cidadania, exercendo pequenos gestos mudar esse panorama, que não fique só no falar, mas sim através do respeito mutuo possamos contribuir respeitando as diferenças individuais, combatendo o preconceito e às discriminações, ampliando nossa consciência em relação aos direitos e deveres, confiando no potencial de transformação de cada um.

Tendo inserido esse esclarecimento procura-se uma mudança de atitudes nos alunos de maneira que eles possam enxergar que as relações de gênero quando desiguais geram um



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

afundamento social e econômico contribuindo para uma manutenção de contexto, atitudes e comportamento que violam os direitos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ARAÚJO, U. F. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, J. G. (org.): **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CEB 11/2000** de 10 de maio de 2000. Diário oficial da União, Brasília-DF, seção 1, p.18.

CARVALHO, R. E. **Removendo Barreiras para a aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BRANDÃO, C. R. **Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

CARLOTO, C. M. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Serviço Social em Revista, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001.

GENTIL, V. K. **EJA: Contexto histórico e desafios da formação docente**. Pesquisa e Práticas Educativas, UNICRUZ, 2005.

JODELET, D. Folie et représentations sociales. Paris: PUF, 1989. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes, M.J.D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V.R. (orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre, RS: Artes médicas, 1996

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, G. L., et al. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MATTAR, L. D. (coord.). **Direito à saúde da mulher negra: manual de referência**. São Paulo: conectas Direitos Humanos, 2008.

MOREIRA, M. M. S. Assédio sexual feminino no mundo do trabalho: algumas considerações para reflexão. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 2, 2002.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

POLÔNIA, A. C., & Dessen, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar e Educacional, 2005.

RIBEIRO, P. C.; SOUZA, N. S.; SOUZA, D. O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2004.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A.O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero.** São Paulo, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SILVA, M. L.; CARVALHAES, F. F. Gênero e Sexualidade: o que a escola tem a ver com isso?. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

SOUZA, J. F. Que educação é direito de todos?. **Revista de Educação AEC.** Ano 26, n. 105. Out/Dez.

SWAIN, T. N. Feminismo e recortes do tempo presente – mulheres em revistas “femininas”. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001.